

Camões de Cordel

A Jacinto do Prado Coelho

JOEL PONTES

Nas comemorações tetracentenárias de *Os Lusíadas*, lembro dois folhetos de cordel circulantes no Nordeste do Brasil: *As Perguntas do REI a CAMÕES* e *O Filho de Camões*. Trata-se de poesia rústica, feita por e para gente semi-alfabetizada, e para analfabetos, por isso mesmo representativa da simpatia de uma parte do povo — aquela que não tem voz nos meios literários propriamente ditos, e que constitui parcela ponderável, ainda, na população brasileira, que atualmente se alfabetiza e se torna, cada vez mais, urbana.

No caso do primeiro dos folhetos endereço aos especialistas a questão de autoria. A página inicial do texto oferece, no alto, uma indicação discutível: "Autor: Severino Gonçalves de Oliveira". O nome deste poeta é bem conhecido, pois aparece nada menos de sete vezes no catálogo editado pelo Ministério da Educação e Cultura, como autor de outros tantos folhetos, entre os quais não está arrolado o do nosso interesse.¹

Quanto à divulgação de suas obras, notamos que quatro não indicam em que cidade foram impressas e as

1. Ministério da Educação e Cultura e Casa de Rui Barbosa — *Literatura Popular em Verso* [Rio de Janeiro] 1961.

outras são de localidades pernambucanas (Gravatá e Recife) e de Salvador, na Bahia.²

Sendo, pois, além de conhecido pelo povo nas feiras e mercados do Nordeste, experiente no gênero/comércio do cordel, tudo indica não lhe ser estranho o costume de o autor de um folheto encerrá-lo citando o próprio nome. Neste, o das perguntas do REI a CAMÕES, a praxe é respeitada:

○ amões desertou dali
↳ não quiz mais brincadeira
☞ elnou tristeza na corte
↳ nesta hora fagueira
☞ embraram este folhetinho
○ trovador Oliveira.

O nome do autor na derradeira estrofe é uma espécie de marca, das que os proprietários põem, gravadas a ferro incandescente, nas ancas dos animais, algumas de desenhos complicados e muito belos, como as conservadas no Museu de Antropologia, de Natal, Rio Grande do Norte. A marca é um aviso que fica para sempre, e quando a rês muda de dono recebe outra, sem perder a antiga.

Ora, nestes versos citados aparecem dois nomes, um deles em acróstico, de letras deitadas, para se tornar mais evidente aos olhos dos leitores. É outra maneira tradicional de firmar, e tão do agrado geral que certos poetas não vacilam em alterar a estrofação sextilhada, acrescentando ou diminuindo o número de versos, como sacrifício literário à vaidade pessoal. Dila, que se chama na vida civil José Soares da Silva, usa como iniciais de acróstico DILASS, para obedecer à estrofação do todo; João Martins de Athayde moderniza o último nome ao

2. Pela ordem: *O Exemplo do Homem que Atirou na Virgem da Conceição*, *O Valente Cascadura* e *o Mendonça do Pará* e *A Eleição no Inferno*. Nas citações, conservaremos a grafia dos autores. Aqui, trata-se de *eleição*.

subtrair o H e transformar Y em I; mas o “famoso menestrel pernambucano”³ tão apreciado por Leonardo Mota, Leandro Gomes de Barros, um dos clássicos do cordel, fecha composições com estrofe de sete versos para aproveitar seu prenome, processo que também é o de Severino Cesário em relação ao segundo nome, o de Rodolfo Coelho Cavalcanti, que prefere o primeiro, e o de José Costa Leite, que termina em décima ou duas quintilhas para não perder Costa nem desleitar-se.

Quem é Cirilo? Terá composto o folheto de parceria com Severino Gonçalves de Oliveira? Tê-lo-á vendido sob condição de deixar seu ferro, como se faz ao gado, e Severino, por sua vez, negociado com o Editor Proprietário Alfredo Casado, cujo nome vem na capa? Será Cirilo o mesmo Severino, isto é, pessoa conhecida por dois nomes? O editor João Severo da Silva põe Cícero, entre parênteses, depois do nome, e não é caso singular no mundo do cordel.

Homenageado o autor — quem quer que seja — com a preocupação de citar seu nome, tratemos do principal em relação ao folheto. Não é, esta parte, o interesse literário, se considerarmos a arte sob padrões eruditos. Os desacertos mais evitáveis lá se encontram. Cordel julga-se por outros padrões. Nos literários, se nos apegamos a isto, despontam expressões populares ricas de lirismo ou sabor satírico, e talvez encontremos laivos de medievalismo e vôos inesperados da imaginação, mas tudo a ser medido pela falta de cultura dos autores e do público ao qual se dirigem. O que nos preocupa no momento é a repercussão social do nome de Camões e Camões como personagem. Nestes aspectos é que valorizamos *As Perguntas do REI e as Respostas de CAMÕES*.

3. Mota, Leonardo — *Violceiros do Norte*, 3ª ed. Fortaleza Imprensa Universitária do Ceará, 1972. Ariano Suassuma me assegura que Leandro Gomes de Barros é paraibano, do Pombal.

Segundo o Autor, o tipo foi enjeitado à porta de um fariseu a 24 de Agosto — dia em que o diabo anda solto, muito citado pelo cordelitas — de um ano que não indica, em cidade não localizada. Aliás, “não se sabe onde nasceu”. Esta informação, note-se, serve para o épico português, mas também um certo Camões que existiu entre Recife e Olinda, como se verá. O personagem do folheto estudou dos cinco aos sete anos, saindo, com esta idade, a viajar pelo mundo profetizando “presente, passado e futuro”. Este nomadismo é outro dado comum.

O infante, de grande saber e atilado espírito, é decifrador de enigmas, como a quase menina Teodora, de João Martins de Athayde. Nos dois folhetos — como em outros, sendo *A Donzela Teodora* aqui citado por ser dos mais célebres e conhecidos — o fulcro se encontra nas perguntas e respostas. Camões está entre os sete e oito anos de idade quando o rei chama-o “ao reinado” e lhe propõe trinta perguntas, que são como as moedas de Judas, miseravelmente traiçoeiras. Não se fornece justificativa para a resolução real. Camões deverá responder acertando; uma só falha determinará sua morte. Tampouco o poeta popular se detém para condenar a ruindade do testa-coroada. Tudo parece natural a todos.

O menino chega ao malsinado torneio “com amor”, estranha disposição que só se justifica pela rima seguinte — “as ordens Rei meu senhor”⁴ que contém uma expressão tão freqüente nas estórias de trancoso⁵ que se tornou obrigatória na fórmula de conclusão: “Entrou por uma perna de pinto, saiu por uma de pato, rei meu senhor me mandou que vos contasse mais quatro”. É mais ou menos assim. As variações, mínimas, não excluem a expressão. Também devemos lembrar que existe muito

4. Sem crase.

5. Não de Trancoso, o contista, mas de fantasia, porque o apelativo transformou-se em substantivo comum, no Nordeste do Brasil.

disparate, nos folhetos, nascido de acomodações em relação a métrica e rima. No segundo, dos aqui citados, o filho de Camões vende uma máquina

Por quinze nonileão
De dinheiro em ouro forte.

Retornemos a *As Perguntas do REI e as Respostas de CAMÕES*. Chegado à presença real, o menino prediz que a tudo responderá e fala com despacho:

fassa lá suas perguntas
que sou um pouco vexado.⁶

Depois disto (estamos na metade da pg. 2, estrofe 6^a, contendo o folheto 16 pgs. e 64 estrofes) o que se segue é como luta entre gato e rato em filmes de desenho animado. Perguntas e armadilhas não atingem o número estipulado pelo tirano caprichoso — trinta — porque nas alturas do terço Camões encontra meio de fazer o Rei banhar-se em merda e foge deixando a corte em tristeza, não dizendo o autor se pela humilhação imposta ao poderoso ou se pela falta das brincadeiras do garoto, embora o povo leitor conclua pela segunda hipótese.

O personagem é tocado de simpatia, a sofrer desmandos, a falar e comportar-se como os nordestinos. Em parte alguma se alude a sua nacionalidade portuguesa ou a sua condição de poeta. Nem mesmo se diz seja Luís o seu nome de pia. Até pelo contrário, em vez do “honesto estudo” apregoado pelo Épico, o Camões de cordel, em mais um dado de identificação com os leitores, refere, de passagem, “eu como não tenho estudo”... negando a informação anterior de Cirilo ou Severino Gonçalves de Oliveira, ou desvalorizando, através de topos de falsa modéstia, o “ler, escrever e contar” adquirido aos seis anos. O Rei insulta-o de vagabundo, bandido, danado (esta última é a palavra mais freqüente) irritado por

6. Vexado, no Nordeste, quer dizer apressado.

não encontrar explicação para tanta resposta inteligente, e dá-o por endemoniado:

Pelo jeito me parece
ser protegido do cão.

.....
O Rei disse, este danado
o cão é amigo dele.

O mandão está derrotado, sem ter conseguido baixar a grimpá do seu ínfimo súdito. O povo escuta essas coisas, lidas nas feiras, e sente-se consolado ou, pelo menos, compensado de frustrações. Sem ser um herói desprovido de caráter — anti-herói — Camões sabe correr quando nota que as regras do jogo estão para ser desrespeitadas e o direito da força a ponto de ser traduzido em condenação à morte. Correr, assim, para o povo, é mais uma prova de inteligência e picardia. Coisa de covarde é que não.

Eis aí um Camões brasileiro, o também chamado Camonge pelos ignorantes, que se prolonga em personagem (inteligente) de anedotas de todos os tipos, inclusive fesceninas, nas quais contracena com Bocage, e poetas e políticos brasileiros, de todos os tempos. Um Camões eterno, ou que se vem eternizando porque se moderniza, sem qualquer vínculo com o “português da anedota”, o típico, ou qualquer outro português. Um tipo nordestino, que talvez muitos homens cultos desconheçam, vestido (conforme a xilogravura da capa do folheto) como um pelintra de setenta anos atrás. O detalhe é registrado porque o gravador popular não encontrou no texto, se é que o leu, nada que indicasse o tipo físico nem o traje de Camões. Pelas feições, pode-se dizer que cortou na madeira um “amarelinho” nordestino, a envergar as roupas mais antigas de seu conhecimento. Mais uma apropriação em nome da simpatia. Mais uma dimensão do mito popular.

Circunstância a ser considerada nesta altura: este Camões nordestino é proveniente direto de Luís Vaz de

Camões, ou indireto, por via de um chiste do bispo diocesano D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, de Olinda? Francisco Pacifico do Amaral refere-se, em duas crônicas,⁷ a um poeta popular que existiu em Olinda e Recife, mais ou menos ano de 1800, de vôo rasteiro, analfabeto, que “nunca conheceu seus pais”. Este indivíduo ganhou amizade e proteção do bispo e o louvava em suas poesias, desde sonetos e églogas a improvisos provocados por motes. Vagabundo, foi pelo bispo, mais de uma vez, recolhido ao recém-fundado Seminário de Olinda, para que recebesse as primeiras letras e tivesse casa e pão. Sempre fugia para a gandaia e quando D. José perguntava por ele o reitor respondia sorrindo: Per totam Olindam ambulat. Informa ainda F. P. do Amaral que o bispo tê-lo-ia apelidado de Camões. Estaria nesta brincadeira a origem do personagem dos folhetos? De qualquer modo, o erudito sacerdote — 12º bispo de Olinda, entre 1798 e 1802, mais tarde de Elvas, inquisidor geral do Reino, amigo de D. João VI, etc. — não poderia ter pensado em outro, se não no Êpico, fosse pela vida erradia do seu amigo pernambucano, fosse por outro motivo qualquer. Em vão se procura em F. P. do Amaral e na leitura de segunda mão que lhe faz Pereira da Costa, em *Folklore Pernambucano*, notícia de ter sido este poeta popular um camões — isto é, por antonomásia, homem de um olho inutilizado — mas até por isto pode ter sido alvo do divertido D. José.

O segundo folheto que completa esta notícia é o recente *O Filho de Camões*, do “Poeta Repórter José Soares”, editado em convênio com o Departamento de Integração Comunitária da Universidade Federal de Pernambuco. Como cordel não traz data, no futuro saber-se-á que este é mais novo do que o outro pelo tipo de xilogravura da capa, onde a parteira aparece de calça comprida e cabelo unissex; pela menção ao Departamento de Inte-

7. Amaral, F.P. do — *Escavações, Factos da História de Pernambuco*, Pernambuco, Typographia do Jornal do Recife, 1884.

gração; à estação rodoviária (*provisória*) do Recife; preço do folheto (o outro é anterior à reforma monetária do Brasil) e alusões a computador e automóvel Volkswagen.

Este filho difere do pai (que em tudo é um herói popular) no uso da inteligência.

O professor Camonzinho
Filho do velho Camões

é um anti-herói no inteiro decorrer do folheto, “quengo refinado”, “sutil como o sono”, “honrando o nome dos pais”... em suma, ladrão de nascença. Ama o roubo e o pratica com tanta graça que o autor só se preocupa com a vítima uma vez — no final, de castigo a Matos Além, um americano orgulhoso “igualmente a Pedro Cem”. Castigo justificado pelo rifão popular que diz — ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão.

O costume de desdobrar personagem bem aceito em filhos e netos, além de comercial (que o digam o cinema e o próprio cordel) é um acréscimo à glória do tronco de onde provêm. No caso, creditamos aos nordestinos mais esta prova da simpatia dos brasileiros pelo não de todo desconhecido — pelos nossos poetas populares — poeta português. Também aqui só o nome e o mito prevalecem. O “professor Camonzinho” podia ter outro nome e seria tão anti-herói como Pedro Malazarte, Canção de Fogo, o neto deste e tantos e tantos. Não estou comparando a categoria dos folhetos; apenas exemplificando anti-heroísmo. Importa mais salientar que, podendo ter outro, o personagem carrega o nome célebre e a mesma herança de agilidade mental. A falta de caráter não lhe minguou o aplauso popular nem preocupa o autor. Estamos no domínio da comicidade e tanto faz dizer

Antes da galinha pôr
o ovo já era dele

como informar que era xexeiro (caloteador de meretriz) ou referir seu primeiro roubo, da bolsa da parteira que lhe ajudara o nascimento:

Antes de abrir os olhos
Fez a tramoia primeira
Roubou de cima da cama
A bruaca da parteira.

A preocupação moralizadora não existe e sim a alegria das "brincadeiras" e a presença de um tipo inteligente, desculpado, por esta condição, de quaisquer malefícios que cause, sem sequer serem distinguidos os que prejudicam à gente pobre dos que atingem uma sociedade da qual o homem do povo se vê enxotado: a dos que têm algo a perder. Nem por isto a polícia deixa de agir. Em determinado momento o filho de Camões é preso. Porém, ainda assim, o autor encontra uma engenhosa maneira de amesquinhar os soldados e apresentar seu anti-herói como determinador da ação:

Por um cochilo de ótica
Caiu nas mão da Polícia.

Detalhe de meio. No *finale maestoso*, ainda é o Rafles nordestino quem, livre e milionário, recebe as homenagens de José Soares. O filho de Camões agiu todo o tempo como um completo individualista e enriqueceu ilicitamente, como qualquer ladrão vulgar. Ao povo não repugna que seja assim. Alguma coisa poderia dizer sobre o particular, mas não quero retornar a uma questão que me interessou já ao escrever sobre a reivindicação social nos romances de Graciliano Ramos. Refiro estes traços do personagem professor Camonzinho como indiquei Camões indo à corte "com amor", e só. O mais, como diria o escritor vitoriano cujo nome não importa, é outra história.

Rua Amaro Coutinho, 197
Encruzilhada - Recife - Pe